

Quando nasci, em Julho de 1918, a minha mãe estava com gripe, o meu estado como recém-nascido não era dos melhores, e por isso fui baptizado de emergência no próprio hospital. Um dia, quando o nosso médico de família (que era um sujeito já de idade) nos visitou, olhou para mim e disse: “Esta criança está a morrer de fome.” Foi então que a minha avó me levou para a sua casa de campo na Dalecárlia. Durante a viagem de comboio, que naquele tempo levava um dia, ela alimentou-me com pão-de-ló molhado em água. Ao chegarmos lá eu estava quase a morrer, mas a minha avó encontrou logo uma ama-de-leite, uma rapariga meiga, alourada, vinda de uma aldeia ali perto, e embora eu fosse recuperando, vomitava amiúde e tinha constantemente dores de barriga.

Tive ainda uma série de doenças inexplicáveis, parecendo mesmo que não podia decidir se queria viver ou não. Do mais profundo do meu consciente ainda hoje posso lembrar-me do meu estado: o cheiro das secreções do meu corpo, as roupas húmidas, apertadas, a luz mortiça da lamparina do meu quarto, a porta entreaberta que dava para um outro, contíguo, o respirar profundo da ama-de-leite, passos dados pé ante pé, murmúrios, reflexos do sol na garrafa de água da mesinha-de-cabeceira. De tudo isto consigo recordar-me, menos de que sentia medo. Esse sentimento veio mais tarde.

A sala de jantar da nossa casa em Estocolmo dava para um pátio escuro onde se erguia uma parede alta, de tijolo. Nesse pátio estavam as retretes do prédio, os contentores do lixo, havia ratazanas gordas e uma armação de metal para bater tapetes. Vejo-me sentado no colo de alguém que me dá papas de aveia. O prato estava sobre um oleado cinzento com uma orla vermelha. O esmalte do prato era branco com flores azuis e reflectia a luz fraca que entrava pela janela. Lembro-me

que me mexia para os lados e para a frente, para experimentar diferentes ângulos de observação, e à medida que o fazia notava como os reflexos eram diferentes e me ofereciam imagens sempre novas. Mas, de repente, vomitava sobre aquilo tudo.

Estas são, provavelmente, as primeiras recordações que tenho da minha meninice. Na altura morávamos num primeiro andar de um prédio de gaveto, que dava para a Rua Skeppar e para a Rua Grande.

No Outono de 1920 mudámo-nos para o número 22 da Rua Villa, no bairro de Östermalm. A casa cheirava a tinta ainda fresca e a chão encerado. O chão do meu quarto era de cortiça amarelada, tinha cortinas claras em que se viam, estampados, castelos e flores do campo. As mãos da minha mãe são meigas e ela gosta de me contar histórias. Uma manhã, ao levantar-se, o meu pai tropeça no bacio e diz: “Caramba!” Na cozinha há duas empregadas, da província, que gostavam muito de cantarolar. No mesmo andar, do outro lado, tenho uma amiguinha da mesma idade com quem brinco. Chama-se Tippan, e é uma garota com muita fantasia e espírito de iniciativa. Comparámos as formas dos nossos corpos e notámos diferenças interessantes, tendo sido até apanhados nessas comparações, mas ninguém se referiu àquilo.

Tinha quatro anos quando a minha irmã nasceu, e então a nossa situação modificou-se totalmente: um corpo gordo, disforme, passa assim de repente a protagonista. Não tenho mais acesso à cama da minha mãe, e o meu pai mostra-se radiante com a existência daquela trouxa que berra continuamente. O aguilhão do ciúme fere-me a valer, fico furioso, choro, faço cocó no chão, emporcalho-me. O ódio mortal que normalmente eu e o meu irmão mais velho sentíamos um pelo outro cessa ao fazermos as pazes para maquinarmos a melhor maneira de matar aquele ser abjecto. Não sei por que razão o meu irmão acha que eu sou o mais indicado para executar aquele acto. No entanto, sinto-me orgulhoso com aquilo e ambos procuramos uma ocasião propícia.

Foi numa tarde soalheira e silenciosa. Julgo que estou sozinho em casa. Pé ante pé entro no quarto dos meus pais, onde aquele ser dorme no seu berço cor-de-rosa. Puxo uma cadeira, subo para ela e fico a olhar para aquela cara inchada, toda babada. Apesar de ter recebido instruções exactas do meu irmão sobre o que devia fazer, compreendi mal o que me disse, e em vez de apertar o pescoço da minha irmã, carreguei no peito dela que acordou imediatamente com um grito lancinante. Tapei-lhe a boca com uma mão enquanto aqueles olhos azul-claros estavam cravados em mim. Depois dei um passo em frente

para me pôr em melhor posição, mas perdi o equilíbrio e estatelei-me no chão.

Recordo-me de que o acto que descrevo me fez sentir um bem-estar intenso que passou logo a um sentimento de horror.

Debruço-me sobre fotografias da minha infância e estudo a fisionomia da minha mãe com a ajuda de uma lente. Tento penetrar em sentimentos já diluídos. Sim, gostei muito dela. Nesta fotografia está muito bonita: o cabelo farto com o risco ao meio, a testa estreita mas alta, o rosto oval, de linhas suaves, a boca simpática e sensual, o olhar franco e atraente encimado por sobrancelhas escuras e correctas, as mãos fortes, embora pequenas.

O meu coração de quatro anos era consumido por um amor cuja fidelidade era comparável à de um cão.

Não obstante, as nossas relações não deixavam de ser complicadas: a minha dedicação importunava-a, irritava-a; as minhas manifestações de ternura e acessos de ira inquietavam-na. Não raro mandava-me embora com um tom de voz frio e irónico. E eu chorava de raiva e decepção. As suas relações com o meu irmão eram mais simples porque tinha de defendê-lo constantemente de um pai que o educava com implacável dureza (o castigo corporal de tipo brutal era usado frequentemente).

Pouco a pouco compreendi que a minha adoração, ora terna ora cheia de raiva, tinha pouco efeito. Comecei assim, desde tenra idade, a experimentar um comportamento que fosse do agrado da minha mãe e fizesse com que ela se interessasse por mim. Quem estivesse doente despertava imediatamente a sua compaixão, e como eu era uma criança doentia, com mazelas sem fim, esse foi um meio de conquistar a sua ternura. E não falhava, embora fosse doloroso. Mas como a minha mãe tinha o curso de enfermeira, não tardou em perceber que eu fingia, e desde aí passei a ser castigado cada vez que fazia uso daquele stratagem.

Outra maneira de atrair a sua atenção era mais perigosa. Eu tinha percebido que a minha mãe não gostava de atitudes de indiferença, de alheamento, atitudes de que ela própria, aliás, se servia, como armas. E assim não tardei a aprender a refrear os meus sentimentos, começando um jogo entre nós dois em que arrogância e um certo formalismo eram os principais ingredientes. Não me lembro bem como é que

fazia, mas o amor torna-nos inventivos, e a verdade é que consegui logo despertar um interesse pelo meu martirizado amor-próprio.

Com isto surgiu um problema maior: o do eu nunca ter tido a possibilidade de revelar o meu jogo, tirar a máscara, deixar-me envolver pelo amor correspondido.

Muitos anos depois, quando a minha mãe estava hospitalizada em consequência de um segundo enfarte, falámos das nossas vidas. Contei-lhe o amor que sentira por ela, e ela reconheceu que aquilo a tinha atormentado, mas não da maneira que eu julgara. Preocupada com a minha paixão de criança, ela tinha consultado um famoso pediatra, o qual, num discurso sério (estava-se nos anos 20), lhe dera o conselho de repelir com firmeza as minhas “aproximações doentias” (estas foram as palavras por ele usadas), acrescentando que toda a condescendência neste caso podia prejudicar-me para a vida inteira.

Tenho uma recordação muito nítida de uma visita a este médico de crianças. O motivo da consulta foi a minha recusa em começar a ir à escola apesar de já ter feito seis anos. Dia após dia era arrastado ou levado ao colo para a aula enquanto soltava gritos angustiantes. Vomitava, desmaiava, perdia o equilíbrio. Por fim ganhei aquela batalha, mas apesar de a frequência escolar ter sido adiada para mais tarde, não pude evitar a consulta ao tal eminente pediatra.

Esse doutor tinha uma barba enorme, usava camisas de colarinho alto e tresandava a fumo de charuto. Baixou-me as calças, com uma das mãos agarrou no meu insignificante órgão, e com o indicador da outra mão traçou um triângulo no meu púbis, ao mesmo tempo que disse à minha mãe (sentada atrás de mim, vestida com o seu casaco guarnecido de peles e um chapéu de veludo verde-escuro, com véu): “Pelo menos aqui o garoto ainda parece ser uma criança.”

Uma vez em casa, depois da visita ao médico, puseram-me o meu bibe amarelo-pálido com orlas vermelhas e um gato bordado no bolso. Deram-me chocolate quente e uma sanduíche de queijo. Depois fui para o meu quarto que agora era só para mim porque o meu irmão estava com escarlatina e não estava lá em casa (no fundo, o meu desejo era que ele morresse, tanto mais que o que ele tinha era uma doença perigosa naquele tempo). Do armário onde se guardavam os brinquedos tirei uma carroça de madeira com rodas encarnadas e raios amarelos, e atrelei-lhe um cavalo também de madeira. A ameaça de ter de frequentar a escola tinha-se desvanecido. O que sentia era a recordação saborosa de uma vitória.

Num dia ventoso de Inverno, nos princípios de 1965, a minha mãe telefonou para o teatro<sup>1</sup> e comunicou-me que o meu pai tinha sido hospitalizado para ser operado a um tumor maligno na faringe. Queria que eu fosse visitá-lo. Respondi que não tinha nem vontade nem tempo para o fazer, que o meu pai e eu não tínhamos nada a dizer um ao outro, que a sua pessoa me era totalmente indiferente, e que a minha visita, estando ele provavelmente às portas da morte, só iria assustá-lo e envergonhá-lo. A minha mãe ficou furiosa, insistiu, e isso exasperou-me. Pedi-lhe que se deixasse de chantagem sentimental. A eterna chantagem do tipo: “Faz isso ao menos por mim.” Ela ficou ainda mais zangada, começou a chorar. Tive de a lembrar de que lágrimas nunca me comoveram, e com isso pousei o auscultador.

Nessa noite eu estava de serviço no teatro. Dei uma volta pelas salas, falei com actores, ajudei umas quantas pessoas (que chegavam atrasadas por causa da tremenda tempestade de neve) a encontrar os seus lugares. Depois fui para o meu gabinete de trabalho para me ocupar com a peça de Peter Weiss, *O Processo*.

Nisto tocou o telefone. A menina do PBX diz-me que uma senhora Bergman está lá em baixo e quer falar com o director do teatro. Como havia várias senhoras Bergman, perguntei à menina qual das malditas senhoras Bergman é que me procurava. Um tanto aterrada, a menina do PBX respondeu-me que era a mãe do director do teatro que queria falar com o filho — e imediatamente.

Desci para ir buscar a minha mãe que tinha saído de casa com aquele nevão. Ainda estava ofegante devido ao esforço e porque tinha um coração fraco. Além de que estava enfurecida. Pedi-lhe que se sentasse, perguntei-lhe se queria uma chávena de chá. Respondeu-me que não tinha a menor intenção de se sentar e que não pensasse em chás. O motivo da sua visita era ouvir-me repetir todas aquelas insolências, crueldades e animalidades que lhe havia dito ao telefone na manhã daquele mesmo dia. Queria ver a cara que eu punha quando insultava os meus pais.

A neve que aquela mulher baixinha ainda trazia no casaco de peles começou a derreter, formando manchas escuras no tapete, ao cair. Embora os seus olhos estivessem negros de cólera e o nariz se mostrasse avermelhado, estava pálida.

Tentei abraçá-la e dar-lhe um beijo, mas ela repeliu-me e deu-me uma bofetada. (A minha mãe tinha uma técnica insuperável de dar

1 O Teatro Nacional de Estocolmo, de que I. B. era o director nessa altura.